

As Ideias da Guerra Fria, A Guerra Fria nas Ideias: apontamentos sobre a transnacionalização do discurso político a partir do caso da Liga Mundial Anticomunista (WACL) e da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL) (1972-1984)¹

The Ideas of the Cold War, The Cold War in Ideas: notes on the transnationalization of political discourse from the case of the World Anti-Communist League (WACL) and the Latin American Anti-Communist Confederation (CAL) (1972-1984)

André KAYSEL²

Resumo: o presente artigo pretende contribuir à literatura sobre as redes transnacionais de circulação das ideias e dos discursos políticos, partindo de um estudo de caso: da Liga Mundial Anticomunista (WACL) e da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL), organizações da extrema-direita internacional, entre as décadas de 1960-1980. Em um primeiro momento, procurarei demonstrar como a abordagem de redes transnacionais das direitas, como a WACL e a CAL, permite repensar e ampliar os modos pelos quais se costuma compreender a Guerra Fria na América Latina. Já em um segundo momento, apontarei como a análise do discurso anticomunista dessas duas entidades permite pensar o papel do anticomunismo como ponto de articulação da extrema-direita transnacional, aglutinando elementos ideológicos heterogêneos. Para tanto, me basearei na revisão da literatura historiográfica, bem como no recurso a fontes primárias.

Palavras-chave: Guerra Fria, transnacionalização, discurso, anticomunismo.

Resumen: El objetivo de este artículo es contribuir a la literatura sobre la circulación transnacional de las ideas y discursos políticos, por medio de un estudio de caso: el de la Liga Mundial Anticomunista (WACL) y de la Confederación Anticomunista Latinoamericana (CAL), organizaciones de la extrema-derecha internacional entre las décadas de 1960-1980. En un primer momento, discutiré como el abordaje de las redes transnacionales de las derechas, como la WACL y la CAL, permite repensar y ampliar la comprensión de la Guerra Fría en América Latina. En un segundo, señalaré, por medio del análisis del discurso de esas dos entidades, como el anticomunismo funcionó como un punto de articulación de la extrema-derecha transnacional, aglutinando elementos ideológicos heterogêneos. Para hacerlo, me apoyaré tanto en la revisión de la literatura historiográfica, como en el recurso a fuentes primarias.

Palabras-clave: Guerra Fría, transnacionalización, discurso, anticomunismo.

Recibido: 02 de abril de 2022 Aceptado: 13 de junio de 2022

¹ Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo auxílio à pesquisa concedido, no de processo 2019/21266-5, que viabilizou a escrita deste artigo.

² Brasileño, doctor en Ciencia Política por la Universidad de São Paulo (USP), profesor del Departamento de Ciencia Política, Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas, de la Universidad Estatal de Campinas (UNICAMP). Director del Centro de Estudios Marxistas (CEMARX) y coordinador del Laboratorio del Pensamiento Político (PEPOL). Correo electrónico: < akaysel@unicamp.br >

Apresentação

Nas últimas duas décadas, vem se avolumando uma nova historiografia acerca da Guerra Fria que tem contribuído para renovar os enfoques teórico-metodológicos, os pontos de vista e o escopo das análises em torno do conflito bipolar entre os EUA e a ex-URSS, que caracterizou a segunda metade do século XX. Como deixam claro as contribuições de Mank, Brezinova e Blecha (2017) e Marchesi (2017), uma tendência importante na literatura mais recente sobre a Guerra Fria é a de ir além da polarização “oeste-leste”, considerando a circulação transnacional de ideias e discursos entre distintos cenários regionais, de modo a tornar a abordagem do conflito menos eurocêntrica e mais propriamente “global”. Em direção semelhante, na última década vem ganhando corpo uma literatura especializada sobre as direitas e o anticomunismo que também tem adotado, de maneira profícua, o enfoque transnacional para pensar a organização e a circulação das ideias entre as direitas em diferentes contextos nacionais – conferir Durham e Power (2010), Van Dongen *et al* (2014) e Bohoslavsky, Motta, Boisard (2018).

Aqui, evidentemente, se faz necessária alguma definição do que seja uma perspectiva ou abordagem “transnacional”. Nesse sentido, uma definição que me parece interessante é fornecida na introdução de uma destas coletâneas sobre as articulações e redes internacionais das direitas no século XX:

We define transnationalism as the flow and pattern of relationships across national boundaries. Our use of the term transnationalism denotes those movements, organizations, ideas, or networks that include but move beyond the nation. We distinguish the transnational from the global or the international because both of these terms imply the whole world, while transnational suggests connections among and between forces from various—perhaps many—but not necessarily all nations. Our use of transnationalism recognizes the often scattered and uneven nature of connections between and among peoples, groups, governments, and networks. (Durham e Power, 2010: 1)

Outra contribuição metodológica interessante, proposta pelos organizadores da referida coletânea, é a de que, ao contrário do que se costuma sustentar, os fluxos políticos e culturais transnacionais não fluiriam apenas do centro para a periferia, mas em múltiplas direções, o que poderia ser evidenciado pelo estudo das organizações transnacionais das direitas, com articulações com o sentido norte-sul, sul-sul e sul-norte:

It challenges the common assumption that knowledge flows from the developed world to the developing world. Instead, it seeks to demonstrate that the Right has practiced a multidirectional transfer of ideas, information, and resources. This approach offers new insights into power relations among diverse global actors and not only sheds fresh light on the Right but also helps us to develop a more nuanced understanding of transnationalism both from above and below, from the North to the South, the South to the South, and the South to the North. (Durham e Power, 2010: 3)

Meu objetivo no presente artigo é contribuir para essa perspectiva a partir de um estudo de caso da transnacionalização do discurso político durante a Guerra Fria: a rede de militância de extrema-direita conformada pela Liga Mundial Anticomunista (WACL na sigla em inglês) e a Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL). Por meio da revisão da literatura acerca destas organizações, bem como apoiando-me em fontes primárias recolhidas no Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA), da Corte Suprema de Justicia del

Paraguay, também conhecido como “Archivos del Terror”³, onde está depositada boa parte da documentação da CAL, pretendo demonstrar a fecundidade de uma abordagem transnacional para compreender os processos de circulação das ideias entre as direitas radicais da região. Além disso, procurarei indicar como essa perspectiva permite matizar ou relativizar alguns diagnósticos correntes, como o da difusão unilateral do discurso anticomunista, dos Estados Unidos para a América Latina. Mostrarei não apenas que as redes de veiculação do anticomunismo eram mais variadas, funcionando de maneira multidirecional, como também comportavam não poucas tensões e atritos. Isto pode ser exemplificado pelos conflitos entre as ditaduras de segurança nacional latino-americanas e a política de direitos humanos dos EUA, em fins da década de 1970, que conduziu as primeiras, inclusive, a acionar imaginários nacionalistas e anti-imperialistas, comumente associados a seus inimigos das esquerdas latino-americanas.

Nas páginas que se seguem, desdobrarei estes argumentos em dois movimentos. Em um primeiro momento, apresentarei a WACL e a CAL como redes anticomunistas internacionais, com base na literatura existente, procurando matizar alguns parâmetros usuais da cronologia e da geografia da Guerra Fria na América Latina. Já em um segundo momento, discutirei como o estudo do caso desta rede transnacional da extrema-direita permite pensar o anticomunismo como um discurso ideológico que aglutina uma heterogênea gama de interpelações discursivas, constituindo-se em autêntico ponto de articulação de um campo ideológico da extrema-direita internacional. Por fim, nas considerações finais, sistematizarei algumas conclusões sobre a especificidade do discurso anticomunista da WACL-CAL, pensando-o como uma forma de “tradução” do anticomunismo para diferentes contextos nacionais/regionais.

A WACL e a CAL como redes da Guerra Fria latino-americana

Dentre as diferentes redes de militância anticomunista existentes no período da Guerra Fria, uma em particular tem chamado a atenção dos estudiosos por seu caráter extremista: aquela conformada pela Liga Mundial Anticomunista (WACL), fundada originalmente em Taipé (Taiwan) em 1967, e a Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL), capítulo latino-americano da WACL, criada na Cidade do México em 1972 e que se manteve vinculada à liga até 1984⁴. Os antecedentes do surgimento da WACL datam do final da II Guerra Mundial, com a fundação do Bloco Antibolchevique de Nações (ABN na sua sigla em inglês), por nacionalistas ucranianos, croatas e de outras nacionalidades do leste europeu, que haviam colaborado com os nazistas durante o conflito (Anderson e Anderson, 1986: 27, Abramovici, 2014: 116), e, cerca de uma década mais tarde, com a criação da Liga Anticomunista dos Povos da Ásia (APACL na sua sigla em inglês), instituída com o apoio dos governos de Taiwan e da Coreia do Sul (Anderson e Anderson, 1986: 65-67, Abramovici, 2014: 116-117). Já o primeiro embrião do que viria a ser a CAL surgiu com a criação da Frente Popular Anticomunista (FPA) em 1954, também na Cidade do México, por iniciativa de Jorge Prieto Laurens, em grande medida destinada a atacar o governo reformista de

³ O acervo documental que compõe o “Archivo del Terror” estava de posse de Antonio Campos Allumn, antigo chefe da División Nacional de Asuntos Técnicos, conhecida como “La técnica”, polícia política do regime stonista. Após a queda da ditadura, Allumn foi preso por sua participação em casos de tortura, e foi então que o jornalista Martín Almada, ex-preso político no campo de concentração de Emboscada, encontrou os documentos. Para seu relato autobiográfico, conferir Almada (2013).

⁴ A propósito, veja-se a circular núm. 0284, de 26 de março de 1984, que anunciava aos membros da organização sua separação formal da Liga Anticomunista mundial. Cf. CAL, Circular núm. 0284, 26/03/1984. R0019f00552/58. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay. Optei por remeter às fontes primárias nas notas de rodapé.

Jacobo Arbenz na Guatemala, deposto pelo golpe do Coronel Castillo Armas naquele mesmo ano (Abramovici, 2014: 118-119).

Essa rede, sobre a qual já existe importante bibliografia internacional, além de alguma bibliografia brasileira⁵, se notabilizou por ser a única organização dedicada ao anticomunismo de âmbito propriamente global, que reunia os anticomunistas mais intransigentes e combativos (Abramovici, 2014, p. 113). Assim, a WACL se distingue de redes anticomunistas internacionais anteriores, por circunscrever-se ao campo da extrema-direita propriamente dita. Além disso, no caso específico da América Latina, a CAL tem merecido atenção por ter sido um dos espaços de organização da chamada “Operação Condor”, que articulou os aparatos repressivos das ditaduras de segurança nacional sul-americanas nos anos 1970⁶, bem como a cooperação destas com suas congêneres da América Central no início da década de 1980, incluindo não apenas militares e policiais, mas também aparatos civis paramilitares (Rostica, 2018, 2019, Machado e Rezende, 2019, Ribeiro, 2018a, 2018b).

A literatura disponível sobre a rede conformada pela CAL e a WACL, bem como a documentação até aqui consultada, corroboram claramente as afirmações, feitas acima, de que a circulação do discurso anticomunista na América Latina era mais complexa, indo além das relações entre o subcontinente e os EUA, seguindo fluxos multidirecionais. Por um lado, a circulação do anticomunismo na região envolveu outros atores e conexões, como pode ser evidenciado pela vinculação entre a extrema-direita mexicana, agrupada na Federación Mexicana Anticomunista de Occidente (FEMACO), e o regime nacionalista de Taiwan, fundamental para a criação da CAL em inícios dos anos 1970 (Lopez Macedonio 2010: 149-150)⁷, cabendo ainda destacar a vinculação entre a WACL e a “Liga da Liberdade”, organização europeia encabeçada pela ativista Suzane Labin, uma das mais influentes militantes anticomunistas durante a Guerra Fria (Dard, 2014: 194)⁸. Por outro lado, a extrema-direita latino-americana, representada nos regimes de segurança nacional da América do Sul e Central, tinha enraizamento em culturas políticas locais a ponto de, como se verá mais adiante, diante da política de direitos humanos da administração de James Carter (1977-1981), ensaiar certa independência política dos EUA (Bohoslavsky, 2019, Rostica, 2019)⁹.

Uma outra vantagem da abordagem da “transnacionalidade”, como proposta por Durham e Power (2010), é que ela se presta particularmente bem à própria lógica do anticomunismo no século XX que, como assinalam os autores, tornou-se o principal móvel e ponto de unificação da maior parte das direitas no plano internacional, até mesmo pelo próprio caráter internacionalista de seus inimigos: “In the twentieth century, the greatest enemy for much of the Right became Communism,

⁵ Para a bibliografia nacional sobre a WACL e a CAL, cf. Machado (2017), Machado e Rezende (2019) e Ribeiro (2018a, 2018b).

⁶ Para uma abordagem sintética da história da “Operação Condor” e seu papel na internacionalização do terrorismo de Estado, cf. Braga (2014). Já para um trabalho jornalístico pioneiro, com abundante informação sobre a “Condor”, cf. Calloni (2016).

⁷ A respeito, é interessante consultar as referências a discursos de convidados asiáticos nos congressos da CAL. Cf. “Discurso del General Song Hyo Soon en el III Congreso de la CAL”. Asunción, 23-30/3/1977 (r00145f0965/967) e “Discurso del Dr. Ku Cheng-kang en el III Congreso de la CAL”. Asunción, 23-30/3/1977 (r000119f0864/0872). Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Suprema Corte de Justicia del Paraguay.

⁸ O mesmo autor faz referência a um boletim publicado por uma entidade à qual Labin seria vinculada, a *Association de Études Politiques et Internationales* (AEPI) (Dard, 2014, p. 193). Em minha visita ao CDYA, creio ter encontrado a referida publicação, traduzida ao castelhano, sob o título de *Boletín Este y Oeste*, com números entre os anos de 1965-1975, parte dos quais sequer está catalogada.

⁹ Como demonstra, com evidências abundantes, o trabalho jornalístico pioneiro de Scott e John Lee Anderson, as direitas sul e centro americanas também foram capazes de estabelecer, por meio da WACL, vínculos com a “new right” estadunidense, que reativou as boas relações hemisféricas durante a administração Reagan. Cf. Anderson e Anderson (1986).

and the international nature of the movement led by Lenin and his successors made the transnational organization of the Right even more pressing” (Durham e Power, 2010: 2).

Contudo, na passagem seguinte os autores advertem que a organização transnacional não deixou de ser difícil para as direitas pela importância crucial que o nacionalismo seguiu tendo para grande parte desse campo político e, em função disso, pelas discrepâncias de culturas políticas locais e desconfianças recíprocas. Assim sendo, o desafio teórico para quem se propõe a pensar as direitas (no caso desta pesquisa a extrema-direita) em perspectiva transnacional está em flagrar as interseções e tensões entre os elementos nacionais e internacionais em sua conformação.

Até porque a conformação da rede internacional, ao envolver mais certos atores locais do que outros, ilumina melhor quais os casos nacionais a serem priorizados. Por exemplo, na literatura sobre o anticomunismo no Brasil, se costuma destacar a centralidade do complexo conformado pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas Sociais (IPES), que, por seu turno, não deixava de se integrar em uma importante articulação internacional, em torno do Conselho das Américas, como demonstrado já no trabalho pioneiro de Dreyfus (1981). Contudo, consultando o artigo recente de Ernesto Bohoslavsky e Magdalena Broquetas sobre os primeiros congressos anticomunistas latino-americanos, ocorridos entre 1954 e 1958, percebe-se que o ator brasileiro mais presente nestas iniciativas foi a Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), encabeçada pelo almirante Carlos Pena Boto, que, ao lado do mexicano Jorge Prieto Laurens, foi um dos principais articuladores destes primeiros certames das direitas regionais (Bohoslavsky e Broquetas, 2018)¹⁰. Já no caso da participação brasileira na CAL, o artigo de Machado e Rezende (2019), apoiando-se em fontes primárias, tanto do Serviço Nacional de Informações (SNI), como da própria CAL, sugere que o regime militar, ao invés de atuar diretamente na entidade, teria optado por fazê-lo por meio de um *think tank*, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), fundada em 1971, que não só seria o capítulo brasileiro da confederação, como presidiria, na figura do empresário Carlo Barbieri Filho, seu II Congresso, realizado no Rio de Janeiro em 1975.

Além disso, a bibliografia até aqui consultada permite entrever que, na circulação das ideias ou do discurso anticomunista, há certos atores nacionais que assumem uma centralidade particular, como são os exemplos mexicano e argentino. No primeiro caso, diferentes autores (Anderson e Anderson, 1986, Lopez Macedonio, 2006, 2010, Abramovici, 2014, Avila, 2015, Bohoslavsky e Broquetas, 2018, Ribeiro, 2018a, 2018b), enfatizam o papel protagonista das direitas mexicanas na organização do anticomunismo latino-americano, primeiro pela Frente Popular Anticomunista (FPA), de Jorge Prieto Laurens – que, como se viu acima, promoveu o primeiro congresso regional anticomunista em 1954 – e, mais tarde, com a também já referida FEMACO, fachada de atuação de uma sociedade secreta católica integrista, os Tecos, que, partindo de seu controle da Universidad Autónoma de Guadalajara (UAG), organizaram o congresso de fundação da CAL em 1972¹¹. Já no que tange ao caso argentino, os trabalhos de Rostica (2018a, 2018b, 2019) destacam a atuação da última ditadura argentina (1976-1983) no estabelecimento de vínculos regionais e no intercâmbio de discursos e práticas repressivas – por exemplo com os regimes centro-americanos. Adicionalmente, Bohoslavsky (2019) destaca o IV Congresso da CAL, ocorrido em Buenos Aires em 1980, como uma iniciativa importante da política externa argentina, que procurava agrupar a extrema-direita internacional em seu apoio e romper o relativo isolamento do país naquele momento.

¹⁰ Para o perfil e a trajetória da CBA e de Pena Boto, cf. Motta (2000: 180-187).

¹¹ Essa sociedade secreta, fundada em Guadalajara ainda em meados da década de 1930, tem origens que remontam às rebeliões “cristeras” contra a laicização da educação mexicana pelo regime pós-revolucionário. Para seu perfil ideológico e atuação, cf. Lopez-Macedonio (2006, 2010) e Ávila (2015). Este último autor estabelece ainda interessante comparação entre as extremas-direitas mexicana e argentina, assinalando pontos de contato entre ambas.

Na mesma direção, Lorena Soler (2017, 2018), debruçando-se sobre a realização do XII Congresso da WACL em Assunção (1979), aponta como a inserção do Paraguai nas redes anticomunistas internacionais era estratégica para a política externa de Stroessner, seja, em um primeiro momento, para obter ajuda econômica dos EUA, seja, em um segundo, para buscar outros sócios quando as relações com o governo estado-unidense se estremeceram no final da década de 1970. O caso paraguaio me parece particularmente ilustrativo do interesse no enfoque transnacional, pois aponta como um país, usualmente considerado periférico no âmbito regional, pode desempenhar um papel de destaque em uma rede como a da CAL-WACL. Como bem aponta Ribeiro (2018b), os arquivos da CAL se encontravam em Assunção, dado o papel de centro de comunicações da “Operação Condor” desempenhado pelo aparelho repressivo da ditadura stronista.

O recorte transnacional tem, inclusive, a inegável vantagem de permitir a incorporação de mais casos, de acordo com seu peso e lugar na rede, sem que seja necessária uma profunda imersão contextual em cada um. Possibilita, portanto, uma investigação que tenha por escopo a América Latina, sem que se tenha que abrir excessivamente um leque de estudos comparados. Cabe esclarecer, no entanto, que estas considerações não implicam em desconsiderar o valor da pesquisa comparada. Pelo contrário, no que diz respeito aos estudos sobre as direitas, cabe sublinhar os diversos trabalhos de Ernesto Bohoslavsky (2010, 2014, 2016) e Bohoslavsky e Iglesias Caramés (2014) que comparam as direitas liberais, o início da Guerra Fria e o anticomunismo nos países do Cone Sul – Argentina, Brasil, Chile e Uruguai –, que demonstram a fecundidade desta abordagem metodológica. O que quero sustentar é que o enfoque transnacional é mais frutífero para pesquisas que tenham por objeto a circulação internacional das ideias, ideologias ou discursos políticos.

No caso específico do estudo das redes anticomunistas da extrema-direita latino-americana, a abordagem aqui empregada permite, inclusive, relativizar a cronologia usualmente proposta para se pensar a Guerra Fria na região. Por um lado, Bohoslavsky e Broquetas (2018), em seu já citado capítulo sobre os primeiros congressos regionais, afirmam que, ao contrário do que grande parte da bibliografia sustenta, as origens do anticomunismo latino-americano devem ser buscadas alguns anos antes da Revolução Cubana de 1959, na oposição de forças conservadoras a governos nacionalistas de esquerda, como o do MNR boliviano, a partir da Revolução de 1952, ou o de Jacobo Arbenz na Guatemala, deposto, não por acaso, no mesmo ano do 1º Congresso Anticomunista. Já no que diz respeito aos achados empíricos em Assunção, a identificação de documentação do início dos anos 1980, confrontada com a bibliografia sobre o contexto da administração Reagan e a intensificação dos conflitos centro-americanos¹², sugere que a atividade político-ideológica da CAL e da WACL foi importante nesse período, não raro entendido como de esfriamento da Guerra Fria na América do Sul, em função da crise das ditaduras de segurança nacional no Cone Sul e o início das transições democráticas naquela parte do subcontinente.

O anticomunismo e a articulação de uma direita internacional

Ao eleger as redes de circulação do anticomunismo mais intransigente, que têm início com o primeiro congresso anticomunista latino-americano (1954) e se desdobra, nas décadas seguintes, na adesão à WACL e criação da CAL, estou optando por focar o anticomunismo da extrema-direita, que agrupava setores diversos: católicos integristas, nacionalistas autoritários e adeptos do neoliberalismo¹³. Ainda que heterogênea e mesmo contraditória, essa constelação ideológica excluía

¹² A propósito, cf. Anderson e Anderson (1986) e Rostica (2018a, 2018b e 2019).

¹³ Em seu artigo sobre o anticomunismo na Argentina e no Brasil, Ernesto Bohoslavsky assinala as seguintes correntes ideológicas anticomunistas na América Latina: liberal-conservadores; nacionalistas católicos e estatistas-militares (Bohoslavsky, 2016, p. 37). No caso dos agrupamentos que forjaram a CAL, ainda que claramente prevaleçam as duas últimas vertentes, Ávila (2015) chama a atenção para a confluência entre o catolicismo integrista dos “Tecos” e a elite

setores liberais mais moderados, e mesmo progressistas, que se opunham ao comunismo em nome da “democracia” e a “liberdade”, compondo as redes do Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), como estudado nos trabalhos de, entre outros, Janello (2014) e Ridenti (2018). Nesse sentido, o “Ocidente”, ou os “valores ocidentais” que se pretendia defender em um caso e em outro eram substantivamente diferentes. Se no caso dos adeptos do CLC se tratava da democracia liberal e do pluralismo político e cultural, no caso dos que aderiam à CAL-WACL se tratava da religião tradicional, da nação como uma unidade integral ou ainda da propriedade privada, rejeitando-se, ou colocando-se em segundo plano, uma ordem política democrática e pluralista. No caso desta última constelação ideológica, seria justamente o anticomunismo mais intransigente que lhe conferiria unidade discursiva, articulando seus heterogêneos e por vezes contraditórios elementos constitutivos.

Aqui, me parece particularmente útil a chave teórica proporcionada pelo conceito de discurso ideológico, empregado por Ernesto Laclau em seus trabalhos do final da década de 1970 sobre o fascismo e o populismo. Em seu texto sobre o fascismo, por exemplo, Laclau, mobilizando o conceito de ideologia como interpelação constitutiva do sujeito de Louis Althusser (1985), combinado ao de hegemonia de Antonio Gramsci, dá a seguinte definição daquilo que conferiria unidade a uma formação discursiva:

In what way is one interpellation articulated with another, that is to say, what is it that enables them both to form part of a relatively unified ideological discourse? By unity we must not necessarily understand logical consistency – on the contrary, the ideological unity of a discourse is perfectly compatible with a wide margin of logical inconsistency but the ability of each interpellative element to fulfill a role of condensation which respect to the others. When a familial interpellation, for example, evokes a political interpellation, a religious interpellation, or an aesthetic interpellation, and when each of these isolated interpellations operates as a symbol of the others, we have a relatively unified ideological discourse. Various efforts can be made to rationalize this unity in an explicit way, but they are always a posteriori attempts, which operate on the initial basis of an implicit unity of ideological discourse. (Laclau, 1977: 102)

Assim, um discurso ideológico seria, via de regra, heterogêneo, articulando interpelações diversas, não raro contraditórias, ganhando unidade por meio de uma destas interpelações que cumpriria uma “função de condensação” em relação às demais. Segundo minha hipótese, seria justamente essa a função do anticomunismo no discurso ideológico da extrema-direita latino-americana: a de ponto de articulação de elementos ideológicos díspares – “fé cristã”, “nação”, “propriedade”, “liberdade”, etc. –, que conferiria coerência a esse conjunto em oposição a um inimigo comum, o comunismo, representado como negação de todos esses elementos, “ateu”, “antipatriótico”, “totalitário”.

Além disso, esse inimigo teria necessariamente contornos pouco nítidos e elásticos, não apenas em função das oscilações conjunturais, mas também por sua própria função de ponto de articulação ou condensação de um discurso ideológico. Desse modo, o “comunismo” podia se aplicar a regimes revolucionários e aos Partidos Comunistas propriamente ditos até aos defensores dos direitos humanos, passando pelo clero católico progressista e a “Teologia da Libertação”. A respeito do ataque da CAL à esquerda católica, por exemplo, a documentação levantada no CDYA aporta farta

empresarial, contrária à intervenção estatal na economia, na criação da Universidad Autónoma de Guadalajara (UAG). Já Rostica (2019), trabalhando com a documentação da CAL nos anos 1970, assinala que, em termos de política econômica, seus adeptos se inclinavam por políticas de livre mercado. Por fim, não é demais lembrar que as ditaduras chilena (1973-1990) e argentina (1976-1983), ambas vinculadas em diferentes graus à WACL-CAL, adotaram políticas neoliberais de maneira pioneira. Assim sendo, essa combinação entre nacionalismo autoritário, integrismo cristão e neoliberalismo, tendo no anticomunismo seu ponto de articulação, não é exatamente uma novidade da extrema direita contemporânea.

evidência, sendo inúmeros os panfletos, circulares, informes, discursos e propostas de resoluções, formulados por representantes de diversos países da região, leigos e sacerdotes, que denunciavam a “infiltração comunista” na Igreja, ou pediam providências a respeito¹⁴. Assim, por exemplo, no III Congresso da CAL, celebrado em Assunção, em março de 1977, o secretário-geral da entidade afirmava o seguinte:

Otra amarga desilusión viene de Roma. Abruman las pruebas sobre el favorecimiento de las más altas autoridades de la Iglesia Católica a la expansión del comunismo, pero me limitaré a exponer hechos ocurridos en estos días, porque contra hecho no hay argumentos. Acaba de cumplirse el cuadragésimo aniversario de la encíclica "Quadragesimo anno" en que Pio XI calificó al comunismo de "intrínsecamente perverso", lo que mereció un comentario del diario del Vaticano "L'Osservatore Romano" en el sentido de que tal juicio papal se encuentra vigente. Esas fueron palabras; pero casi simultáneamente con esta afirmación la propia Santa Sede emitió una enérgica censura contra el Arzobispo de Diamantina, Brasil, el egregio prelado Dom Geraldo de Proenza Sigaud, por haberes atrevido a acusar de comunista a los obispos Pedro Casaldáliga y Tomas Baldoino, también brasileños, a pesar de que su excelencia presentó pruebas irrefutables de su afirmación. El resultado: esos obispos comunistas y muchos más que piensan y actúan de la misma manera continúan en sus sedes, como "pastores", con pleno respaldo pontificio¹⁵.

A referência às acusações do Arcebispo de Diamantina, o ultraconservador D. Geraldo de Proença Sigaud, contra seus colegas, D. Pedro Casaldaliga e D. Tomás Baldoíno, expoentes conhecidos da “Teologia da Libertação”, mostra como o orador pretendia tomar um claro lado na disputa interna da Igreja pós-conciliar¹⁶. Além disso, Rodríguez deixava claro que seu lado seria aquele mais fiel à doutrina da instituição, o que se evidencia pela evocação da encíclica Quadragesimo Anno, de claro teor anticomunista.

Aqui é interessante recuperar outra abordagem acerca da relação entre ideologia e discurso, afim àquela de Laclau, acima citada, proposta pelo filósofo britânico Terry Eagleton:

a ideologia é antes um campo de significado complexo e conflitivo, no qual alguns temas estariam ligados à experiência de classes particulares, enquanto outros estarão “mais à deriva”, empurrados hora para um lado, hora para o outro pelos poderes contendores. A ideologia é um domínio de contestação e negociação, em que há um tráfico intenso e constante: significados e valores são roubados, transformados, apropriados através das fronteiras de diferentes classes e grupos, cedidos, recuperados refletidos. (Eagleton, 1997: 96)

¹⁴ Veja-se, por exemplo, a circular de 1978 com o seguinte assunto: “Se transcribe grave denuncia de organizaciones anticomunistas de Bolivia y se pide cooperación con ellos”. R00053F 1266-1267, Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de La Suprema Corte de Justicia del Paraguay.

¹⁵ Discurso del Prof. Rafael Rodríguez en la Apertura del III. Congreso de la C.A.L. Asunción (Paraguay), 23-30/3/1977, p. 2. Centro de Documentación y Archivo Para la Defensa de los Derechos Humanos (CDyA) de la Corte Suprema del Paraguay (Archivo del Terror, R0094F-0018/20). Aliás, em seus congressos a entidade manteve uma comissão especial de combate à presença da esquerda no meio religioso. Segundo Pierre Abramovici, a decisão de eliminar católicos de esquerda teria sido tomada, justamente, no III Congresso da CAL; a descoberta dos “Arquivos do Terror” em Assunção em 1992, pelo jornalista Martín Almada, teria jogado uma luz inédita sobre a “Operação Condor” e a verdadeira extensão das redes entre organizações estatais e privadas na repressão anticomunista na América Latina, por meio da documentação da WACL e da CAL (Abramovici, 2014: 114-115).

¹⁶ Para o conflito entre os “Tecos” e a Igreja pós-conciliar, cf. Lopez Macedónio (2010: 141-142). Já sobre a figura de D. Geraldo de Proença Sigaud e sua atuação como parte da minoria conservadora durante o Concílio Vaticano II, cf. Caldeira (2015).

Essa concepção sobre a ideologia como um campo discursivo em disputa por hegemonia permite compreender melhor a maneira pela qual os anticomunistas não apenas rechaçavam o discurso ideológico de seus inimigos, os “comunistas”, mas também disputavam com estes certos elementos discursivos que, desse modo, se convertiam em um terreno de contestação.

Nessa direção, mais ainda do que o exemplo da disputa da esfera religiosa, são esclarecedores os temas da “nação” e mesmo do “imperialismo”, tão caros às tradições das esquerdas latino-americanas desde o início do século XX e em especial após a Revolução Cubana. Como adverte Rostica (2019) em um trabalho que se debruçou sobre a documentação da CAL entre os anos 1970 e 1980, o discurso anti-imperialista, chave persistente no imaginário latino-americano sobre as relações entre o continente e os EUA, não é, em si mesmo, um patrimônio exclusivo das esquerdas, podendo ser, em determinadas condições, disputado pelas direitas. Assim, no contexto aberto pela política de direitos humanos do governo Carter e a crise das ditaduras de segurança nacional da região, seus adeptos teriam, segundo a irônica expressão de Bohoslavsky, tido um “súbito amor de verão” com o anti-imperialismo, sem por isso reduzir em nada seu anticomunismo, que seguia sendo a base ideológica destes regimes (Bohoslavsky, 2019, pp. 164-165). Há diversos momentos nas alocações dos líderes da CAL que corroboram as afirmações de Rostica e Bohoslavsky a esse respeito, como se pode perceber na passagem seguinte:

La existencia de la CAL y la realización de este Congreso son nuestra respuesta al comunista que ejecuta planes para aniquilar nuestra libertad y significa también rechazo de consorcios internacionales que se enriquecen especulando vorazmente con nuestros bienes. Es la hora de reestructurar nuestra jerarquía de valores y de acercarnos a quienes puedan ser verdaderos amigos¹⁷.

Nesse sentido, alguns outros documentos que encontrei nos “Archivos del terror” do início dos anos 1980 aportam evidências adicionais interessantes. Por exemplo, uma circular interna da CAL, de abril de 1982, quando teve início a Guerra das Malvinas, assinada pelo secretário-geral da entidade, o mexicano Rafael Rodríguez, faz uma defesa enfática das razões argentinas no conflito, embora deplora o fato de que nele se enfrentassem dois países “ocidentais”, ao mesmo tempo em que censurava os EUA por abandonar um aliado do TIAR em favor de outro da OTAN. Por fim, o documento alertava para o perigo de que os comunistas se valessem de uma retórica anti-imperialista para se apropriar da causa argentina¹⁸. Assim, além de enfatizar as clássicas oposições do discurso anticomunista – “ateísmo/religião”, “internacionalismo/nacionalismo”, “totalitarismo/liberdade” –, é igualmente interessante observar os campos mais cinzentos de disputa discursiva, em especial no que se refere à nação e a seu lugar no mundo.

A discussão, até aqui realizada, sobre a especificidade do discurso ideológico da CAL-WACL permite formular uma pergunta e, a título de resposta, retomar a hipótese, acima apresentada, sobre o sentido do anticomunismo para a extrema-direita latino-americana. Afinal, como se viu acima, a denúncia da “ameaça vermelha” parece ter apontado para inimigos muito diversos entre si, não se restringindo aos Partidos Comunistas *stricto sensu*, ou aos regimes socialistas da URSS, da China ou de Cuba. Qual seria, então, o papel do anticomunismo como discurso ideológico? Para começar a responder, vale à pena citar um trecho de uma alocação, publicada pelo órgão oficial da ditadura

¹⁷ Discurso del Prof. Rafael Rodríguez en la Apertura del III. Congreso de la C.A.L. Asunción (Paraguay), 23-30/3/1977, p. 3. Centro de Documentación y Archivo Para la Defensa de los Derechos Humanos (CDyA) de la Corte Suprema del Paraguay (Archivo del Terror, R0094F-0018/20.).

¹⁸ Cf. Rodríguez, Rafael. 1982. “Informe Sobre Malvinas”. R00076f1897/1899, Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay.

stronista, por ocasião do XII Congresso da WACL, realizado na capital paraguaia em março de 1979:

Hemos de seguir luchando inspirados en principios y valores inmutables que hacen a nuestra civilización universal. Dios, Patria, Familia, hogar, propiedad. Precautelar los bienes espirituales y materiales que hacen a la dignidad del hombre. Luchar con prioridad por precautelar el bien espiritualpreciado e intransferible. LA LIBERTAD¹⁹.

Essa declaração, de Juan Manuel Frutos, um dos homens de confiança de Stroessner e que presidiu o referido congresso mundial anticomunista me parece bastante sugestiva da função do anticomunismo enquanto discurso político para a extrema-direita latino-americana. O que quero assinalar é que esse discurso cumpriria, seguindo as indicações de Laclau e Eagleton acima expostas, o papel de ponto de articulação de um campo discursivo comum às direitas radicais, capaz de condensar elementos ideológicos heterogêneos, tais como o nacionalismo organicista, o fundamentalismo cristão e a defesa da propriedade privada e do livre mercado.

Considerações finais

Essa última observação, sobre a função articulatória do anticomunismo como elemento de condensação de um discurso ideológico, joga luz, para além das oscilações conjunturais, sobre outro problema teórico-metodológico: o da tradução/tradutibilidade. Na chave gramsciana aqui adotada, a tradução vai além de um processo linguístico de transposição de um texto entre línguas naturais, compreendendo um processo cultural mais amplo, de tradução de paradigmas científicos, filosóficos ou ideológicos entre diferentes períodos históricos ou culturas nacionais (Q11, § 47: 317)²⁰. Além da referência a Gramsci, pode-se também acrescentar os estudos historiográficos sobre a tradução cultural, como proposto pelo historiador Peter Burke (2007), que compreende os exercícios de tradução como processos não apenas linguísticos, mas culturais em sentido amplo. Os achados empíricos da presente pesquisa sugerem que o discurso anticomunista não foi “aplicado” de maneira mecânica pela extrema-direita como muitas vezes se pensou ou se pensa, mas incorporado dentro de determinadas tradições ideológicas, nacionais e regionais, reforçando-as ao mesmo tempo.

Além disso, esse exercício de tradução também permite pensar como o anticomunismo serviu, como bem demonstra a bibliografia historiográfica aqui mobilizada, como um ponto de encontro e reunião de diferentes vertentes das direitas radicais na região, entre si e com seus pares em outros continentes. Esse último ponto remete a outro conceito metodológico, com o qual principiou este artigo, e que forma par com o de tradução, isto é: o de circulação das ideias. Nas páginas anteriores, já me referi bastante ao modo como os conceitos de “transnacional” ou “transnacionalização”, que vêm sendo empregados por diferentes autores dos estudos sobre as direitas, dentro e fora da América Latina (Durham e Power, 2010, Rostica, 2018a, 2018b), enriquecem a abordagem da circulação internacional das ideias, contribuindo para a produção de uma historiografia que vá além do Estado-nação como unidade de análise. Quero apenas reforçar um ponto em particular, levantado por Marchesi (2017) em sua revisão da literatura sobre a Guerra Fria latino-americana: o de que a abordagem transnacional deve complexificar o olhar acerca dos circuitos e sentidos da circulação. Afinal, como lembra Keim (2014), grande parte da literatura sobre a circulação internacional das

¹⁹ Diario Patria. “Discurso del Dr. Juan Manuel Frutos como Presidente de la WACL”. Patria, 23/03/1979, p. 7. Biblioteca del Congreso Nacional del Paraguay.

²⁰ Adoto aqui o sistema padrão de citação dos Cadernos do Cárcere. A referência completa da edição mobilizada segue na bibliografia ao final.

ideias costuma pressupor uma difusão unidirecional entre o “centro” e a “periferia” da divisão internacional do trabalho intelectual. Ora, o anticomunismo é um caso típico nesse sentido, já que frequentemente se pensa que sua difusão, em particular durante a Guerra Fria, se deu de modo unidirecional dos EUA para o resto do mundo.

A bibliografia historiográfica recente e os achados empíricos parciais da presente pesquisa contribuem para uma visão muito mais matizada desse processo. Para além dos momentos episódicos de maior independência das direitas locais em relação aos estado-unidenses, como acima analisado, a investigação até aqui realizada aponta para processos mais complexos de circulação do discurso anticomunista, com múltiplas fontes e atores, como, por exemplo, o papel dos europeus – como demonstrado pelo vínculo com a rede de Suzane Labin, por meio do Boletín Este y Oeste – e dos asiáticos, em especial Taiwan e Coreia do Sul, por meio da rede conformada pela WACL.

Tal complexificação do olhar para as redes de circulação transnacional de ideias e discursos políticos durante a Guerra Fria abre ao pesquisador um caminho para compreender como alguns destes discursos adquiriram longevidade, a ponto, inclusive, de sobreviver ao próprio contexto em que se cristalizaram. Desse modo, pode-se começar a entender como, mais de trinta anos após o fim da URSS, o anticomunismo, inclusive em suas formas mais agressivas, como as aqui examinadas, volte a ganhar proeminência como ponto de encontro das direitas latino-americanas na polarização ideológica que parece marcar o cenário político da América Latina contemporânea.

Bibliografia

- Abramovici, P. (2014). “The World Anticommunist League: origins, structures and activities”. In Van Dongen, L. et al (org). *Transnational Anticommunism and The Cold War: agents, activities and networks*. London: Palgrave/Macmillan. p. 113-130.
- Almada, M. (2013). *Paraguay: la cárcel olvidada, el país exiliado*. Asunción: Marben.
- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: notas sobre aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal.
- Anderson, S.; Anderson, J. L. (1986). *Inside the league: the shocking exposé of how terrorists, Nazis and Latin American death squads infiltrated the World Anticommunist League*. New York: Don, Mead and Company.
- Ávila, L. A. H. (2015). “Las Guerrillas Blancas: anticomunismo transnacional e imaginarios de derechas en Argentina y México (1954-1972)”. *Quinto Sol*, vol. 19, núm. 1, p. 1-26.
- Bohoslavsky, E. (2019). “El IV Congreso de La Confederación Anticomunista Latinoamericana (Buenos Aires, 1980)”. *Almanaque Histórico Latino Americano*, p. 164-184, Moscú.
- _____. (2010). “Las derechas en Argentina, Brasil y Chile (1945-1959): una propuesta comparativa”. *Revista de História Comparada*, vol. 4, núm. 2, p. 19-42. Rio de Janeiro.
- _____. (2016). “Organizaciones y prácticas anticomunistas en Brasil y Argentina (1945-1966)”. *Estudos ibero-americanos*, vol. 42, n. 1, p. 32-52. Porto Alegre: PUC-RS.
- _____. (2014). “Os Partidos de Direita e o Debate sobre as Estratégias Anticomunistas (Brasil e Chile, 1945-1950)”. *Varia História*, vol. 30, núm. 52, p. 51-66. Belo Horizonte.
- _____. e Broquetas, M. (2018). “Os congressos anticomunistas da América Latina (1954-1958): redes, sentidos e tensões na primeira guerra fria”. In Bohoslavsky, E.; Motta, R. P. S. e Boisard, S. (org.). *Pensar As Direitas Na América Latina*. São Paulo: Alameda.
- _____. e Carames, M. I. (2014). “Las guerras frías del Cono Sur: Argentina, Brasil, Chile y Uruguay (1945-1952)”. *OP SIS*, vol. 14, núm. especial, p. 113-133. Catalão (GO).
- _____. Motta, R. P. S. e Boisard, S. (org.) (2018). *Pensar As Direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda.

- Braga, L. M. (2014). “Operação Condor: a internacionalização do terror”. *Estudios Avanzados*, núm. 21, pp. 111-136. Santiago: Universidad de Santiago de Chile, junio.
- Burke, P. (2007). “Cultures of Translation in Early Modern Europe”. In Burke, P., Hsia, R. P. (ed.), *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Caldeira, R. C. (2015). “Católicos e anticomunistas: D. Geraldo de Proença Sigaud e a literatura anticomunista no Brasil”. *Revista del CESLA*, núm. 18, p. 67-87.
- Calloni, S. (2016). *Operación Condor – pacto criminal*. Caracas: Fundación Editorial El Perro y La Rana.
- Dard, O. (2014). “Suzane Labin: 50 years of anticommunist agitation”. In Van Dongen, L. et al (org). *Transnational Anticommunism and The Cold War: agents, activities and networks*. London: Palgrave/Macmillan, p. 189-200.
- Dreyfus, R. A. (1981). *1964 – A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes.
- Durham, M., Power, M. (2010). *New Perspectives on the Transnational Right*. New York: Palgrave-Macmillan.
- Eagleton, T. (2001). *Ideologia*. São Paulo: Unesp/Boitempo.
- Gramsci, A. (1986). *Cuadernos de la cárcel*. Tomo 4. México D. F.: Ediciones Era.
- Janello, K. (2014). “Los intelectuales de la Guerra Fría: una cartografía latinoamericana”. *Políticas de La Memoria*, núm. 14, p. 83-104.
- Keim, W. (2014). “Conceptualizing circulation of knowledge in the social sciences”. In: Keim, W., Çelik, E., Ersche, C., Wöhrer, V. (eds.), *Global knowledge in the social sciences. Made in circulation*. Farnham: Ashgate, p. 87-113.
- Laclau, E. (1977). *Ideology and politics in marxist theory: capitalism, fascism and populism*. London: New Left Review Books.
- López Macedonio, M. N. (2010). “Historia de Una Colaboración Anticomunista Transnacional – Los Tecos de la Universidad Autónoma de Guadalajara y el gobierno de Chang Kai-chek a principios de los años setenta”. *Contemporánea – historia y problemas del siglo XX*, vol. 1, año 1, p. 133-158, México D. F.
- _____. (2006). “Una Visita Desesperada: la Liga Mundial Anticomunista en México”. *Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 12, núm. 2, p. 91-124.
- Machado, R. C. (2017). “Do genocídio nazista à escalada contrarrevolucionária da Guerra Fria: o Bloco Antibolchevique de Nações (ABN) e a Liga Mundial Anticomunista (WACL)”. *Verenotio – revista online de Filosofia e Ciências Humanas*, vol. 23, núm. 2, p. 323-357.
- _____. e Rezende, C. (2019). “Aninhando o ovo do Condor: o ‘capítulo’ brasileiro da Confederação Anticomunista Latinoamericana, cogestora das ditaduras de Segurança Nacional do Cone Sul (1971-1974)”. *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, vol. 18, núm. 1, p. 110 - 128. Recuperado de <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/10179>
- Mank, A., Brezinova, K. e Blecha, L. (2017). “Conceptual readings into the Cold War: towards transnational approaches from the perspective of Latin American Studies in Eastern and Western Europe”. *Estudos Históricas*, vol. 30, núm. 60, p. 203-218. Rio de Janeiro: janeiro/abril.
- Marchesi, A. (2017). “Escribiendo La Guerra Fría Latinoamericana: entre el sur ‘local’ y el norte ‘global’”. *Estudos Históricas*, vol. 30, núm. 60, p. 187-202. Rio de Janeiro.
- Motta, R. P. S. (2000). *Em Guarda Contra O Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH-USP.
- Ribeiro, M. V. (2018a). *A história da confederação anticomunista latino-americana durante as ditaduras de segurança nacional (1972-1979)*. Tese de Doutorado – Programa de pós-

- graduação em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE.
- ____ (2018b). “A Liga Mundial Anticomunista e a Confederação Anticomunista Latinoamericana: um caso de cooperação anticomunista intercontinental na América Latina (1972-1977)”. *Saeculum – Revista de História*, núm. 39, p. 1-16.
- Ridenti, M. (2018). “The Journal ‘Cadernos Brasileiros’ and The Congress for Cultural Freedom (1959-1970)”. *Sociologia e Antropologia*, vol. 8, núm. 2, p. 351-373. Rio de Janeiro.
- Rostica, J. C. (2019). “El Antiimperialismo de La Derecha: La Confederación Anticomunista Latinoamericana (1972-1980)”. *XIII Jornadas de Sociología*. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires. Recuperado de: <https://www.aacademica.org/000-023/297>. Acceso en 04/10/2021.
- ____ (2018a). “La Confederación Anticomunista Latinoamericana: las conexiones civiles y militares entre Guatemala y Argentina (1972-1980)”. *Desafíos*, vol. 30, núm. 1, p. 309-347.
- ____ (2018b). “La Transnacionalización de Las Ideas: la escuela antisubversiva de Argentina a Guatemala”. *Diálogos: revista electrónica de historia (en línea)*, vol. 19, núm. 2, p. 170-197. Recuperado de: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-469X2018000200170&lng=en&nrm=iso. Acceso en 27/11/2021.
- Soler, L. M. (2017). “Combatir al comunismo con humor. El diario *Patria* en el marco de la celebración del XII congreso anual de la Liga anticomunista mundial en Paraguay (1979)”. In *Anuario IEHS, Estudios Histórico-Sociales*, vol. 32, núm. 2, p. 193-220. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires.
- ____ (2018). “Redes y Organizaciones Anticomunistas en Paraguay. La XII Conferencia Anual de la Liga Anticomunista Mundial, realizada en Asunción en 1979”. *Revista Páginas*, año 10, núm. 24, p. 55-73, septiembre/diciembre.